

TENDÊNCIA TEMPORAL DE MORTALIDADE POR CÂNCER DE BEXIGA NO RIO GRANDE DO SUL, 2013-2023

CALDEIRA, G. M.[1]; SILVA, N. A. L.[2]; SILVA, S. G.[2]

O câncer de bexiga tem apresentado aumento global significativo, com cerca de 614 mil novos casos e 220 mil óbitos em 2022. No Brasil, é o segundo tumor urológico mais comum em homens. A mortalidade mundial em 2022 foi de 3,1 por 100 mil nos homens e 0,8 por 100 mil nas mulheres, com pior prognóstico no sexo feminino. Frente ao exposto, este estudo teve como objetivo analisar a tendência temporal da mortalidade por câncer de bexiga no Rio Grande do Sul (RS) de 2013 a 2023. Trata-se de um estudo ecológico de séries temporais baseado em dados secundários, no qual os óbitos por câncer de bexiga (CID-10 C67) foram obtidos do Sistema de Informações sobre Mortalidade. As taxas foram calculadas por 100 mil habitantes, estratificadas por faixa etária, utilizando estimativas populacionais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para cada ano. Para avaliação das tendências temporais, aplicou-se regressão de Prais-Winsten, sendo consideradas significativas aquelas com $p < 0,05$. Valores positivos de β indicaram tendência crescente, enquanto valores negativos representaram tendência decrescente. Também foram calculados os respectivos intervalos de confiança de 95% (IC95) para cada estimativa de β . No período analisado, a taxa geral de mortalidade por câncer de bexiga no RS foi de 3,5 óbitos por 100.000 habitantes, apresentando uma tendência crescente estatisticamente significativa (β : 0,10; IC95: 0,05 a 0,15; $p = 0,002$). Ao estratificar por faixa etária, observou-se taxas mais elevadas em idades mais avançadas, sendo 2,1 para 50-59 anos, 7,6 para 60-69 anos, 22,1 para 70-79 anos e 47,5 para 80 anos ou mais, para cada 100 mil habitantes. O aumento da mortalidade geral por câncer de bexiga no período estudado pode refletir fatores como envelhecimento populacional, exposição contínua a agentes de risco e atraso no diagnóstico precoce. O tabagismo, principal fator de risco, exerce efeitos que podem levar décadas para impactar as taxas de mortalidade, o que ajuda a explicar a persistência dos índices elevados apesar da redução da prevalência de fumantes no Brasil. No Rio Grande do Sul, a mortalidade por essa neoplasia é substancialmente superior à média nacional, coincidindo com prevalências de tabagismo mais altas na região. Esse cenário evidencia a influência de fatores regionais e reforça a necessidade de políticas públicas voltadas aos grupos e áreas mais vulneráveis.

Palavras-chave: Neoplasia Maligna de Bexiga; Séries Temporais; Rio Grande do Sul; Epidemiologia; Óbitos.

Área do Conhecimento: Ciências da Saúde.

Origem: Pesquisa.

[1] Giovanna Messagi Caldeira. Discente do Curso de Medicina. Universidade Federal da Fronteira Sul. giovanna.messagi@gmail.com.

[2] Nicolas Almeida Leal da Silva. Docente do Curso de Medicina. Universidade Federal da Fronteira Sul. nicolas.silva@uffs.edu.br.

[2] Shana Ginar da Silva. Docente do Curso de Medicina. Universidade Federal da Fronteira Sul. shana.silva@uffs.edu.br.